

ARQUITETURA URBANA DO CAFÉ EM MUQUI-ES

Genildo Coelho Hautequestt Filho



ARQUITETURA
URBANA DO CAFÉ EM
MUQUI-ES



Copyright © 2019, Genildo Coelho Hautequestt Filho.

Copyright © 2019, Editora Milfontes.

Av. Adalberto Simão Nader, 1065/ 302, República, Vitória ES.

Compra direta e fale conosco: <https://editoramilfontes.com.br>

Distribuição nacional em: www.amazon.com.br

editor@editoramilfontes.com.br

Brasil

Editor Chefe

Bruno César Nascimento

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar (UFU)
- Prof. Dr. Arnaldo Pinto Júnior (UNICAMP)
- Prof. Dr. Arthur Lima de Ávila (UFRGS)
- Prof. Dr. Cristiano P. Alencar Arrais (UFG)
- Prof. Dr. Diogo da Silva Roiz (UEMS)
- Prof. Dr. Eurico José Gomes Dias (Universidade do Porto)
- Prof. Dr. Hans Urich Gumbrecht (Stanford University)
- Prof^ª. Dr^a. Helena Miranda Mollo (UFOP)
- Prof. Dr. Josemar Machado de Oliveira (UFES)
- Prof. Dr. Júlio Bentivoglio (UFES)
- Prof. Dr. Jurandir Malerba (UFRGS)
- Prof^a. Dr^a. Karina Anhezini (UNESP - Franca)
- Prof^ª. Dr^a. Maria Beatriz Nader (UFES)
- Prof. Dr. Marcelo de Mello Rangel (UFOP)
- Prof^ª. Dr^a. Rebeca Gontijo (UFRRJ)
- Prof. Dr. Ricardo Marques de Mello (UNESPAR)
- Prof. Dr. Thiago Lima Nicodemo (UERJ)
- Prof. Dr. Valdei Lopes de Araújo (UFOP)
- Prof^a. Dr^a Verónica Tozzi (Univerddidad de Buenos Aires)

Cadernos de Estudos Capixabas:

- Cilmar Franceschetto (Arquivo Público do Estado do ES)
- Prof. Dr. Júlio Bentivoglio (UFES)
- Prof. Dr. Leandro do Carmo Quintão (IFES-Cariacica)
- Prof. Dr. Rafael Cerqueira do Nascimento (IFES-Guarapari)
- Prof. Dr. Ueber José de Oliveira (UFES)

GENILDO COELHO HAUTEQUESTT FILHO

ARQUITETURA
URBANA DO CAFÉ EM
MUQUI-ES



EDITORA MILFONTES

VITÓRIA, 2019

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação digital) sem a permissão prévia da editora.

Revisão

Roziméry Baptista Fontana Nascimento

Capa

Imagens da capa:

Casas de Muqui - Luan Faitanin Volpato

Aspectos

Bruno César Nascimento

Levantamentos Arquitetônicos

José Olavo Furtado de Araújo

Tiago Porcari Dutra

Leoni Rigoni Salarolli - revisão

Projeto Gráfico e Editoração

Bruno César Nascimento

Impressão e Acabamento

GM Gráfica e Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H381a HAUTEQUESTT FILHO, Genildo Coelho.

Arquitetura urbana do café em Muqui-ES/ Genildo Coelho Hautequestt Filho.

Vitória: Editora Milfontes, 2019.

154 p. : 23 cm. : il.

Inclui Bibliografia.

ISBN: 978-85-94353-56-6

1. Arquitetura do café 2. Muqui 3. Patrimônio I. Hautequestt Filho, Genildo Coelho
II. Título.

CDD 720.288

A todos aqueles que nasceram ou escolheram a cidade de Muqui para viver, pela amizade, carinho e, principalmente, pelo respeito por meu trabalho.

[...] e penso na casa, no dono da casa, na família, na gente que passou por aqui. A casa não é mais a mesma, a casa não é mais a casa, é um grande navio que vai singrando o tempo, que vai embarcando e desembarcando gente no porto de cada domingo”.

Rubem Braga

SUMÁRIO

Prefácio	11
Palavra do Autor	13
Introdução.....	17
Capítulo I: A economia do café e a formação da cidade de Muqui...25	
<i>Panorama nacional e regional da economia do café.....</i>	27
<i>A formação urbana da cidade de Muqui</i>	31
Capítulo II: Arquitetura do ciclo do café em Muqui	45
<i>Panorama da produção arquitetônica em Muqui (1918 e 1970).....</i>	47
<i>Primeiro Período: 1838 - 1887</i>	54
<i>Segundo Período: 1888 a 1918</i>	59
<i>Terceiro Período 1919 a 1935.....</i>	62
<i>Quarto Período 1936 a 1976</i>	67
<i>Tipologias da arquitetura urbana de Muqui</i>	70
Capítulo III: Materiais de construção e técnicas construtivas.....	121
<i>Estruturas</i>	124
<i>Estruturas dos vãos</i>	125
<i>Paredes.....</i>	126
<i>Vãos</i>	126
<i>Forros.....</i>	128
<i>Pisos</i>	130
<i>Coberturas.....</i>	132
<i>Alpendres, varandas e balcões.....</i>	132
<i>Escadas</i>	133
<i>Revestimentos.....</i>	135
<i>Pintura.....</i>	136
<i>Ornamentação</i>	136
Considerações finais	139
Referências	147

Prefácio

Genildo Coelho Hautequestt Filho tem tido uma trajetória acadêmica e profissional pautada na defesa do patrimônio edificado capixaba. Conheci-o na época em que iniciou o seu mestrado no Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo quando Genildo, apesar de jovem, já tinha uma atuação bastante expressiva no sul do Estado atuando junto à Prefeitura de Cachoeiro de Itapemirim como subsecretário de Patrimônio Cultural, e já tendo sido servidor da Prefeitura Municipal de Muqui e atuado como arquiteto responsável pela gestão do patrimônio cultural daquele município. Pode-se dizer que muito do patrimônio edificado nestas regiões deve a sua preservação ao trabalho infatigável de Genildo, que, como bom gerenciador na área do patrimônio tinha que identificar, pesquisar, propor e muitas vezes projetar o restauro e executá-lo, além de captar as verbas necessárias dentro da formatação dos programas governamentais de apoio a cultura através de renúncia fiscal.

O trabalho que vem agora a público é a sua Dissertação de Mestrado defendida em 2011, trabalho primoroso sobre o casario eclético da cidade de Muqui, casario que forma um conjunto urbano de grande valor arquitetônico e paisagístico no contexto de um dos exemplares mais pitorescos do ecletismo tardio existente no nosso Estado.

Muqui - pelo menos a que chegou aos nossos dias - é fruto da recuperação dos preços do café no mercado internacional após o fim da 1ª grande guerra; suas principais construções são sobrados onde o comerciante vendia sua mercadoria na loja do pavimento térreo e ao final do expediente, através de uma escada lateral muitas vezes de Carrara, subia ao pavimento onde residia em 'grande estilo' com a família. O conjunto de residências, sobrados e palacetes concentra-se ao longo de uma via principal formando um eixo de grande valor arquitetônico, urbanístico e compondo com a matriz neogótica que se destaca em posição elevada um conjunto pitoresco de alto valor paisagístico.

Não foi um trabalho fácil de ser feito, além da pesquisa histórica e das análises críticas, a coleta de dados envolvia o levantamento cadastral dos imóveis em planta e em fotos. Não bastava ter a competência para executá-los, era necessário também ter a confiança dos usuários pois tratavam-se, em grande parte, de casas habitadas, muitas delas pelos descendentes dos primeiros proprietários e que tratavam com o maior respeito e cuidado o bem imóvel herdado assim como, em muitos casos, os bens móveis de época e as obras artísticas associadas a estes como pinturas murais, painéis cerâmicos, tetos estucados etc. Lembro-me que na época da elaboração da Dissertação no contexto de uma visita técnica feita a Muqui e guiado por Genildo, este mantinha consigo a chave de algumas das residências mais preciosas cujos proprietários, por motivos diversos, não podiam estar no local no momento. Em outras, fomos recebidos pelos proprietários orgulhosos de seus imóveis e do estado de conservação em que estes se encontravam e que faziam questão de nos ciceronear. Nunca vi um grupo de habitantes tão consciencioso do valor artístico e afetivo de seu patrimônio e me parece certo que parte desta valoração provinha já de uma educação patrimonial realizada no âmbito da ação de gestão cultural do município.

A preservação do patrimônio material de uma cultura, sabemos todos, envolve uma série de atividades meios, como a identificação, o tombamento até a restauração, todas elas, infelizmente, atividades dispendiosas que envolvem mão de obra qualificada e trabalhos técnicos sofisticados: restaurar é muito mais caro que construir novo! O trabalho de preservação, contudo, não se limita apenas à defesa da matéria, muito mais importante talvez – em especial se levarmos em conta a efemeridade que a matéria tem ainda que bem mantida – são os registros, os levantamentos e os estudos, aqueles que preservam para todo o sempre, senão em corpo ao menos em memória, e que circulam democraticamente através das publicações.

O trabalho que ora vem à luz de autoria de Genildo inscreve-se no contexto da preservação deste patrimônio da forma mais ampla: é pesquisa e história, é educação patrimonial, é consolidação cultural de identidades locais e é preservação de memória para as futuras gerações. Saudemos a iniciativa da Secretaria de Cultura do Estado do Espírito Santo no âmbito do Edital que permitiu a presente publicação e esperemos que outros mais venham, o patrimônio capixaba agradece!

Prof. Dr. Nelson Pôrto Ribeiro.

Palavra do Autor

Minha relação com Muqui, não teve início com este trabalho, na verdade, conheci a cidade ainda adolescente, por ocasião de um congresso de adolescentes da Igreja Presbiteriana, e, a partir daí retornei algumas vezes a Muqui, sempre na companhia do Reverendo Jader Gomes Coelho, meu tio avô, que pastoreava a igreja de lá. Neste período fiz bons amigos!

Com o fim da adolescência e a mudança para Minas Gerais a fim de dar continuidade a meus estudos, perdi o contato com Muqui, que só foi retomado, profissionalmente, no ano de 1998, quando, como Coordenador de Memória e Patrimônio Cultural da Secretaria de Estado da Cultura e membro do Conselho Estadual da Cultura, ao passar pela Rua Vieira Machado em direção à São Pedro de Alcântara do Itabapoana, onde estava sendo realizada uma obra de restauro, comecei a prestar a atenção na arquitetura da cidade. Aí me encantei!

Foi nesse momento que conheci Pedro Mateini, que mesmo sendo diretor da maternidade de Muqui, intitulava-se secretário de turismo da cidade e que convenceu o prefeito da época Gilberto Mofati Vicente a “comprar a ideia” de lutar pelo reconhecimento da cidade como patrimônio estadual. Assim comecei a escrever minha história profissional e afetiva com Muqui.

Iniciei o trabalho como representante da Secretaria de Estado da Cultura, com o apoio inicial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-IPHAN, principalmente na pessoa da arquiteta Maristela dos Santos, mas eram tempos difíceis da política capixaba: denúncias de corrupção, estado quebrado, Conselho Estadual de Cultura desarticulado a pretexto de uma reformulação que durou anos... e o trabalho parou por absoluta falta de condições técnicas e de interesse por parte da gestão estadual. Dadas essas condições, pedi demissão da Secretaria de Estado e fui trabalhar em Muqui, junto à turismóloga Joelma Consuelo Fonseca e Silva.

Tendo Joelma como companheira de trabalho, Pedro Mateini como “secretário” de uma pasta que ainda nem existia, e toda a cidade a favor deste projeto, iniciamos um trabalho que mudou o modo de ver, sentir, narrar, desejar e compreender a cidade, não sem antes mudar a minha vida e a visão que tinha da arquitetura.

Iniciamos com a Comissão Pró-tombamento, que se transformou em Conselho de Cultura. Este conselho foi extremamente importante no apoio das ações desenvolvidas em prol da preservação do patrimônio. Sonhamos juntos e concretizamos muito deste sonho com uma gestão municipal inovadora que teve o muquiense como centro das decisões. Sempre foi a sociedade civil, organizada em vários conselhos e associações, quem definiu todos os caminhos que deveriam ser tomados nos processos da gestão.

Tombar um sítio que quantitativamente teria mais de 70% de todo o patrimônio tutelado no estado, não era uma tarefa fácil. Para começar tivemos que conhecer as mais de duzentas casas de interesse de preservação na cidade, neste momento entra na minha vida Maria Olímpia de Andrade Ribeiro, conhecida como Pimpinha, foi quem me abriu as portas das casas da cidade, me transformando no “menino do tombamento”. Lá ia o “menino do tombamento” fotografando, desenhando, conversando, e ouvindo: “mas... porque você quer conhecer esta casa tão velha? Ela é tão feia!”.

A medida que eu fui conhecendo as casas, a imprensa estadual foi noticiando as ações de preservação que estávamos implementando, os turistas foram chegando e mudando a relação dos muquienses com suas casas e sua cidade.

Fui muito bem recebido por todos. Cafés, almoços, jantares, chás da tarde, biscoitinhos, doces... sempre fizeram parte dessas visitas. E foi nesse visitar e comer nas casas que teve início este livro. Primeiro como inventário que subsidiou o tombamento municipal e depois o estadual.

No ano de 2009, após dez anos de trabalho, encerrei minhas atividades profissionais na cidade e parti para novos desafios. Muqui sempre esteve presente, não somente por meio dos amigos que fiz para a vida toda, mas também como objeto de estudo, em dissertação de mestrado, defendida em 2011 na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), sob a orientação do professor Dr. Nelson Pôrto Ribeiro e

agora em minha tese de doutorado na Universidade Federal Fluminense (UFF), sob a orientação do professor Dr. Pedro da Luz Moreira. Estou certo que não vou parar aqui!

Confesso que às vezes me pego sonhando em morar novamente na cidade, foram anos felizes, de grandes aprendizagens e desaprendizagens que me fizeram ser um profissional melhor, uma pessoa melhor, e isso devo à vocês, muquienses! Muito obrigado por fazerem parte da minha história, muito obrigado por mudarem a minha história!

Este é um livro de arquitetura, que faz um estudo das três tipologias arquitetônicas residenciais identificadas no sítio histórico, mas que fala primordialmente de gente, ao analisar as plantas de vinte e seis dos mais de duzentos imóveis residenciais tutelados no sítio histórico e seus fluxos. Compreender a evolução e as mudanças funcionais das casas é conhecer um pouco mais dos seus moradores, os muquienses, aqueles que foram capazes de criar e preservar este belo legado para o Espírito Santo e para o Brasil!

Boa Leitura!

Genildo Coelho Hautequestt Filho